



Quando a Semiótica se tornou uma Teoria da Comunicação? Uma genealogia de sua presença em livros-texto (1969-2018)

When did Semiotics become a Communication Theory?

Luis Mauro Sá Martino – Faculdade Cásper Líbero | São Paulo | São Paulo | Brasil |
lmsmartino@gmail.com |  <https://orcid.org/0000-0002-5099-1741>

Resumo: O objetivo deste texto é compreender como uma perspectiva originária da Linguística e/ou da Filosofia se tornou uma referência teórica para a Comunicação. Este artigo destaca alguns momentos dessa aproximação, examinando, a partir de pesquisa bibliográfica, a presença da Semiótica em 26 livros-textos de Teoria da Comunicação publicados entre 1969 e 2018. A análise das evidências sugere que: (1) não há consenso sobre sua pertinência: 14 dos livros analisados não a incluem entre as teorias da comunicação, e apenas três detalham o tema; (2) embora presente na área desde a década de 1960, o tema ganha espaço como “teoria da comunicação” nos anos 1990; (3) não há quase distinção entre abordagens semióticas, apresentadas como teoria dos signos e geralmente associada à Linguística e à Teoria da Informação. Estes resultados são discutidos no contexto da atual pesquisa de epistemologia da Comunicação.

Palavras-chave: Teoria da Comunicação. Pesquisa. Semiótica. Genealogia.

Abstract: When did Semiotics become a Communication Theory? Semiotics is rooted mainly in Linguistics, on the one side, and Philosophy, on the other. So how it is became that Semiotics is one of the main Communication Theories? This paper analyses the presence of Semiotics in 26 Communication Theory textbooks published from 1969 to 2018. Main findings suggests that: (1) “Semiotics” are mentioned in 12 out of 26 books; only 3 actually present it in full length; (2) Although it had been widely present in the books since the 1960s, Semiotics only fully became a ‘communication theory’ in the 1990s; (3) most of the books make no distinction between the semiotical approaches. These results are discussed against the background of current Communication epistemology research.

Keywords: Communication Theory. Research. Semiotics. Genealogy.



<http://dx.doi.org/10.22484/2318-5694.2019v7n16p98-121>

Recebido em agosto 2019 – Aprovado em outubro 2019.



1 Introdução

Seria difícil, inicialmente, negar a pertinência e a proximidade dos estudos de Semiótica e a Área de Comunicação, relação consolidada não apenas em termos epistemológicos, mas também institucionais. A título de exemplo, há um grupo específico de Semiótica da Comunicação na Intercom, e, embora a palavra não apareça, o tema está presente também em grupos de trabalho e divisões de outras entidades e eventos de pesquisa, como a Compós (GT Práticas Interacionais, Linguagens e Produção de Sentido na Comunicação), Alaic (GT Discurso e Comunicação) e Ibercom (DTI Discursos e Estéticas da Comunicação). No Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq há nove grupos registrados com esse título vinculados a Programas de Pós-Graduação em Comunicação, distribuídos em várias regiões brasileiras. Finalmente, em 1979, a semiótica encontra um grau inédito de consagração institucional ao nomear a área de concentração do PPG em Comunicação da PUC-SP, Comunicação e Semiótica.

No entanto, essa relação nem sempre foi tão próxima. Ainda hoje, as fronteiras epistemológicas e institucionais da Semiótica não coincidem nem estão contidas na Comunicação. No mesmo Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, por exemplo, há grupos de pesquisa em Semiótica sediados em Programas de Pós-Graduação em Letras, Linguística, Psicologia e mesmo Saúde e Ecologia.

É possível levantar algumas questões a esse cenário: a partir de quando a Semiótica se tornou parte da pesquisa de Comunicação, integrando seu quadro de referências teóricas? Em termos mais diretos, quando a Semiótica passou a ser uma Teoria da Comunicação? Como se deu essa aproximação, levando em consideração a produção bibliográfica disponível na Área? Levando em consideração que não existe uma única "semiótica", quais delas – e de que maneira – foram agregadas às Teorias da Comunicação?



Uma das maneiras de encaminhar essa questão é observar como a Semiótica foi incorporada ao discurso da área nos livros de Teoria da Comunicação. Certamente haveria outros locais de e opções de observação – por exemplo, artigos acadêmicos, teses e dissertações, ou mesmo livros sobre o tema escritos por autoras e autores da Área. No entanto, em termos de delimitação de objeto empírico, os livros intitulados “Teoria da Comunicação”, enquanto materialidade de um discurso, parecem se apresentar como um relevante espaço indicial da inclusão/exclusão de uma teoria como sendo “da Comunicação” – uma discussão específica desse critério pode ser encontrada em L. C. Martino (2007) e (2013).

Os dados foram selecionados a partir de um recorte da bibliografia disponível sobre Teoria da Comunicação publicada no Brasil. Dos mais de 40 livros com esse título presentes no mercado editorial, foram selecionados os que L. C. Martino (2007) denomina “teorográficos”, isto é, que apresentam conceitos e teorias sob o nome “Teoria da Comunicação”. Excluem-se, assim, os livros com esse título voltados para reflexões epistemológicas. Foram selecionados, desta maneira, 26 livros publicados entre 1969 e 2018. Procurou-se utilizar a primeira edição brasileira de cada obra. Foram observados três elementos principais: (1) a presença/ausência da Semiótica e, conforme o caso, suas condições de apresentação; (2) seu posicionamento disciplinar em relação à Comunicação e (3) o aprofundamento de seus pressupostos.

Os livros selecionados estão apresentados no quadro abaixo:

Tabela 1: Ordem cronológica dos livros analisados neste trabalho

Autor e título	Origem	Tradutor
VELLOZO, Sílvio L. Teoria geral da Comunicação Coletiva . Rio de Janeiro: Ed. O Cruzeiro, 1969.	Brasil	-
SÁ, Adísia. (org.) Fundamentos científicos da Comunicação . Petrópolis: Vozes, 1973.	Brasil	-
BELTRÃO, Luiz. Fundamentos científicos da Comunicação . Brasília: Coordenada, 1973.	Brasil	-



MASER, Siegfried. Fundamentos de Teoria Geral da Comunicação. São Paulo: E.P.U., 1975	Alemanha, 2ª edição, 1973	Leônidas Hegenberg
DeFLEUR, Melvin. Teoria da Comunicação de Massa. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.	EUA, 1968.	Marcelo Corção
MOREIRA, Roberto. Teoria da comunicação: ideologia e utopia. Petrópolis: Vozes, 1979.	Brasil	-
MORTENSEN, Christian. D. (Org). Teoria da Comunicação: textos básicos. São Paulo: Mosaico, 1980.	EUA, 1979	Nelson P. Yamamoto
BELTRÃO, Luiz. Teoria geral da comunicação. 3ª. Edição, Brasília: Thesaurus, 1982.	Brasil	-
LITTLEJOHN, Stephen. Fundamentos teóricos da Comunicação Humana. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.	EUA, 2ª. edição, 1978	Álvaro Cabral
BELTRÃO, Luiz; QUIRINO, Newton. Subsídios para uma teoria da comunicação de massa. São Paulo, Summus, 1986.	Brasil	-
DeFLEUR, Melvin.; BALL-ROCKEACH, Sandra. Teorias da Comunicação de Massa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.	EUA, 5ª edição, 1979	Octávio Velho
GOMES, Pedro Gilberto. Tópicos de Teoria da Comunicação. São Leopoldo, Ed. Unisinos, 1997.	Brasil	-
RÜDIGER, Francisco. Introdução à Teoria da Comunicação. São Paulo, Edicon, 1998 (edição revista e ampliada em 2010).	Brasil	-
MELO, José Marques. Teoria da Comunicação: Paradigmas Latino-Americanos. Petrópolis, Vozes, 1999.	Brasil	-
HOHFELDT, Antonio.; MARTINO, Luiz. C.; FRANÇA, Vera. R. V. (Orgs.) Teorias da Comunicação. Petrópolis: Vozes, 2001.	Brasil	-
POLISHUK, Ilana; TRINTA, Aluízio. R. Teorias da Comunicação. Rio de Janeiro, Campus, 2002.	Brasil	-
PEREIRA, João. H. Curso básico de Teoria da Comunicação. Rio de Janeiro: Quartet, 2003.	Brasil	-
SANTOS, Roberto E. As Teorias da Comunicação. São Paulo, 2003.	Brasil	-
PENA, Felipe. Teoria da Comunicação – 1000 perguntas. Rio de Janeiro: Thompson, 2005.	Brasil	-
MARTINS, Luiz. Teorias da Comunicação. Brasília: Casa das Musas, 2005.	Brasil	-
VILLALBA, Rodrigo. Teoria da Comunicação. São Paulo: Ática, 2006.	Brasil	-
TEMER, Ana C. R. P.; NERY, Vanda. C. A. Para entender as Teorias da Comunicação. Uberlândia: Ed. UFU, 2009.	Brasil	-



MARTINO, Luís. M. S. Teoria da Comunicação . Petrópolis: Vozes, 2009.	Brasil	-
NUNES, Aloísio. Teorias da Comunicação . Maceió: Ed. Ufal, 2011.	Brasil	-
MARCONDES Filho, Ciro. Teorias da Comunicação, hoje . São Paulo: Paulus, 2016.	Brasil	-
FRANÇA, Vera. R. V.; SIMÕES, Paula G. Curso básico de Teorias da Comunicação . Belo Horizonte: Autêntica, 2016.	Brasil	-

Fonte: Elaborada pelo autor.

Valem, antes de prosseguir, três notas metodológicas.

Não é o objetivo aqui avaliar a correção ou pertinência dessas articulações, em uma suposta “visão de lugar nenhum” provida do instrumental para isso. Ao contrário, é como participante do campo, compartilhando dúvidas e questionamentos, que se observar a presença e as condições contextuais da Semiótica no discurso de Teoria da Comunicação.

Ao mesmo tempo, também não existe pretensão de ineditismo. Discussões semelhantes a respeito desses tensionamentos já foram levantadas, dentre outros, por Picado (2001), Machado e Romanini (2010), Oliveira Jr. e Simões (2014) e Landowski (2016). O foco, neste texto, privilegia uma perspectiva diacrônica no sentido de explorar algumas das condições de tangenciamento, entrecruzamento e apropriações desse discurso.

Finalmente, os termos “Semiótica” e “Teoria da Comunicação” se referem, a rigor, a uma pluralidade de conceitos e discursos teóricos agrupados sob esses nomes – o uso dos termos no singular refere-se antes a uma perspectiva disciplinar-institucional, do que à diversidade epistemológica contida em cada uma dessas palavras.

A diversidade epistemológica que parece constituir uma de suas características fundantes, como salientam, por exemplo, França (2001), Barbosa (2002) e Lopes (2003; 2006), tangencia com uma considerável dispersão em termos de abordagens, salientam, por exemplo, Braga (2001,



2011), L. C. Martino (2007) ou L. M. S. Martino (2008). Conhecer alguns aspectos de sua genealogia pode auxiliar a compreender alguns aspectos da configuração contemporânea da Área de Comunicação, sobretudo no que tange ao espaço das formulações teóricas ligadas ao cenário atual da pesquisa em Comunicação.

No que se segue, o texto tem três partes: (1) um contexto da presença inicial da Semiótica na produção brasileira sobre Comunicação; (2) o momento inicial de aproximação com a Teoria da Comunicação, apresentada ora como “Teoria da Informação” ou “Teoria da Linguagem” e (3) sua incorporação, a partir dos anos 1990, como “escola teórica” da Comunicação.

2 O contexto de publicações: a chegada da Semiótica na produção brasileira

De certa maneira, não seria errado dizer que os estudos de Semiótica tem, ao lado das Ciências Sociais e da Linguística – e, em proporção um pouco menor, outras áreas – um caráter fundador no contexto inicial das pesquisas em Comunicação no Brasil. É possível observar, já nos anos 1960, a existência de uma bibliografia disponível para pesquisadoras e pesquisadores brasileiros, ao lado de uma presente, mas ainda restrita, produção sobre meios de comunicação, notadamente a partir de uma matriz norte-americana.

Vale observar alguns aspectos da constituição desse cenário.

A disseminação de um determinado tipo de pensamento, ao menos no âmbito acadêmico, parece estar ligado às condições do mercado editorial, responsável pela definição parcial das obras a serem publicadas e, portanto, tornadas acessíveis para pesquisadoras e pesquisadores de um determinado lugar. Nesse sentido, se a proposta é compreender algumas das aproximações entre Semiótica e Comunicação, talvez seja válido endereçar uma pergunta a respeito do que poderia ser lido sobre o tema –



livros disponíveis que, em algum momento, são responsáveis, ao menos parcialmente, por formar um cânone de pesquisa.

Em um momento anterior – Martino e Marques (2019) – observou-se como o mercado editorial esteve ligado à formação de um pensamento teórico sobre Comunicação no Brasil, sobretudo na indicação do que seria, nas décadas seguintes, “teoria da comunicação”. Não se trata de reduzir a riqueza de pensamento às definições de mercado, mas tomá-lo como uma das linhas de força presentes e constitutivas de um campo do saber relativamente autônomo, mas também dependente de publicações em sua dinâmica de produção.

Dessa maneira, vale perguntar o que havia de “semiótica” para ser lido nos anos iniciais dos estudos de Comunicação no Brasil, se é possível localizar esse momento – apenas a título de indicação e sem a pretensão de qualquer precisão cronológica, como em Hohfeldt (2008) e L. M. S. Martino (2011) – por volta dos anos 1960. As indicações aqui são contextuais, com o objetivo de situar o tema; para um recenseamento completo, remete-se a Santaella e Nöth (1999).

Ao que tudo indica, o livro “Informação. Linguagem. Comunicação”, publicado em 1964 por Décio Pignatari (1964) pela editora Perspectiva, é a primeira obra voltada para o estudo da Comunicação a partir de uma abordagem semiótica. Em 1970, a Cultrix publica o “Curso de Linguística Geral”, de Saussure (2013), e “Linguística e Comunicação”, de Jakobson (2015); no ano seguinte será a vez de “Semântica estrutural”, de Greimas (2010) e “Elementos de Semiologia”, de Barthes (2014) e, em 1972, “Semiótica e Filosofia”, a mais antiga coletânea de textos de C. S. Peirce (1984) publicada no Brasil. Por seu turno, a Perspectiva publicará “Obra aberta” e “A estrutura ausente”, de Umberto Eco (2004; 2010), em 1968 e 1971, e “Semiótica Russa”, de Boris Schneiderman (1979). A título de complemento, vale indicar também a publicação de “Fundamentos da Teoria dos Signos”, de Charles W. Morris, em 1976.



Uma das primeiras a trazer a palavra “signo” no título é “Atenção, Signos, Graus de Informação”, organizada por Marcelo C. D’Azevedo (1970), publicado na série “Cadernos de Comunicação”, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Trata-se de um estudo monográfico de cerca de 80 páginas desenvolvido ao redor da noção de “informação”, a partir de uma visada semiótica e linguística, discutindo desde Saussure e Peirce até Jakobson e Schaff. Curiosamente, o livro foi produzido “pelos alunos de Teoria da Informação – Comunicação – Cultura de Massa da Faculdade de Arquitetura” – embora esteja localizado na disciplina “Teoria da Comunicação”, é voltado para um curso de Arquitetura, não Comunicação. Dois anos antes, D’Azevedo (1971) havia incluído um item sobre signos em “Teoria da Informação”, publicado pela Vozes. A aproximação, no caso, era com uma “teoria da informação” em sentido amplo, da biologia à comunicação humana.

A produção nacional parece se estabelecer nessas décadas. “Produção de linguagem e ideologia”, de Lúcia Santaella (1980) e “A Estratégia dos Signos”, de Lucrecia D’A. Ferrara (1981) podem ser localizadas entre as primeiras obras, escritas por brasileiras, a desenvolver uma trilha de pesquisas semióticas articuladas com questões de Comunicação – no caso de Ferrara, por exemplo, o livro foi originalmente defendido como tese de livre-docência na USP, em 1980.

Quais significados e questões podem ser trabalhados diante desse contexto de publicações?

Em primeiro lugar, vale recordar que o fato de publicações estarem disponíveis não significa, efetivamente, seu uso. Seria necessário um recenseamento da produção daquele momento para observar sua articulação com as pesquisas desenvolvidas. Vale, no entanto, assinalar – mesmo que tomando como índice o mercado editorial – a presença de um número significativo de títulos referenciado ao universo da Semiótica.

Isso leva a uma segunda questão: de qual semiótica estamos falando?



Não parece haver um consenso, nesse momento, a respeito da extensão e mesmo da localização da Semiótica no âmbito das ciências. Embora alguns dos livros trabalhem diretamente com a semiótica peirceana, parece haver certa sobreposição de perspectivas, mesclando tanto a obra de Peirce quanto a de Greimas, Saussure e Barthes dentro de perspectivas distintas, mas próximas, para o estudo das diversas linguagens. Divisões que mais tarde ganhariam relevância dentro dos estudos de Semiótica entre a obra de várias pesquisadoras e pesquisadores parecem estar ausente nas primeiras décadas de publicações sobre o assunto. As várias “semióticas” pareciam circular ainda sem maiores divisões ou articulações que permitissem falar, naquele momento, em “semiótica peirceana” ou “greimasiana”, a título de exemplo.

Ao mesmo tempo, a Semiótica parecia ser situada sobretudo no âmbito dos estudos da linguagem ou, em menor escala, teoria da informação. É sintomático que a primeira publicação especializada no assunto, a “Acta Semiótica e Lingvística”, começa a ser publicada em 1977 vinculada à área de Letras. A semiótica de Peirce, nesse momento, não parece ser efetivamente ligada ao conjunto de sua obra filosófica, exceto pelo indicado no prefácio de “Semiótica e Filosofia” (1984 [1972]).

Vale recordar que, apesar de sua proximidade atual com a Área, a Semiótica não foi originalmente pensada como “teoria da comunicação” – como sugerem Varão (2007), L. C. Martino (2001; 2007) e L. M. S. Martino, (2014), nenhuma das chamadas “teorias da comunicação” parece ter sido originalmente pensada como tal, mas foram progressivamente aproximadas de problemas de pesquisa relacionados à mídia, sendo posteriormente apropriadas pelos estudos de comunicação em uma relação não isenta de distanciamentos e contradições. Nesse sentido, compreender essa apropriação inicial da Semiótica com a “teoria da comunicação” auxilia a delinear um pouco mais a gênese teórica de um campo de estudos marcado por uma certa ausência de consenso epistemológico.



Assim, em termos de fronteiras disciplinares, naquele momento a Semiótica tangenciava tanto a Linguística quanto a Teoria da Informação e a Filosofia. Paradoxalmente, não a Comunicação. Até porque, se é possível tomar como base estudos anteriores de Moura (2002), Hohfeldt (2008) e Melo (1999), não havia praticamente uma área de Comunicação para ser tangenciada naquele momento. Nesse panorama, surge a partir de 1969 uma literatura especializada em apresentar e discutir as possibilidades teóricas para o estudo da Comunicação – os livros intitulados “Teoria da Comunicação”, nos quais a Semiótica terá, nos anos seguintes, uma presença ambígua.

3 Entre Linguística e Teoria da Informação: as abordagens iniciais (1969-1986)

A chegada da Semiótica ao que poderia ser entendido como o “cânone” das teorias da comunicação acontece relativamente cedo em termos de distribuição nos livros-texto com esse nome. Considerando que o primeiro livro com esse título foi publicado em 1969 – trata-se de “Teoria da Comunicação Coletiva”, de Sílvio Vellozo (1969) – e foi logo seguido por um de Jacob Pinheiro Goldenberg (1969) e um estudo pioneiro de Luiz Beltrão (1973), o intervalo de tempo é de cerca de cinco anos. É importante observar que nesses três primeiros livros teóricos da Comunicação há uma considerável dispersão a respeito do tema a ser trabalhado, como indicado em outro momento (MARTINO, L. M. S., 2011), e a Semiótica não figura nem como “escola” nem como “referência” para os estudos da Área.

Ao que parece, a primeira menção à Semiótica em um livro de Teoria da Comunicação acontece em 1975. Trata-se do livro “Fundamentos de Teoria Geral da Comunicação”, de Sigfried Maser, traduzido por Leônidas Hegenberg. O conceito de “comunicação” trabalhado no livro é abrangente, incluindo desde a teoria da informação até a teoria dos signos, com ênfase



em questões de lógica – é a partir daí, aliás, que se insere o estudo da Semiótica de Peirce.

O livro apresenta algumas de suas categorias de classificação de signos, sobretudo aquela que se tornaria talvez mais conhecida nas publicações de comunicação nas décadas seguintes, “ícone”, “índice” – chamada no livro de “indicador” – e “símbolo”. Embora mencione as outras sessenta e seis categorias taxonômicas da classificação de signos proposta por Peirce, não chega a desenvolvê-las. É interessante notar que esta parece ser a única apropriação de Peirce enquanto filósofo, e da Semiótica como parte de um conjunto maior de conhecimentos. Talvez não seja coincidência que o tradutor, Hegenberg, seja o mesmo de “Semiótica e Filosofia”, e também autor de livros sobre lógica e teoria do conhecimento.

É possível dizer que a Semiótica chega à Comunicação pela via da Filosofia. Embora esteja restrito a um dos capítulos do livro, sua inclusão já pode ser entendida como um indicador da importância da Semiótica nos estudos de Comunicação contemporânea às publicações de obras de Peirce e Saussure no Brasil. Note-se, no entanto, que o livro é uma tradução do alemão: demorará ainda uma década até que o tema da Semiótica figure em livros escritos por autores brasileiros.

Nos demais livros de Teoria da Comunicação publicados nos anos 1970 a Semiótica praticamente não é relacionada dentro das teorias expostas. Não há menções nos trabalhos de Moreira (1979) ou nas traduções de DeFleur (1976), Littlejohn (1982) e Mortensen (1980).

A exceção é “Teoria Geral da Comunicação”, de Luiz Beltrão (1982 [1977]), no qual a Semiótica ganha um capítulo específico. O título, sintomaticamente, se refere à “semiologia”: o capítulo “Semiologia: as linguagens da comunicação humana”, é, de fato, dedicado ao estudo de várias linguagens, incluindo um excursus sobre arte e criatividade. Embora existam, no início do texto, referências à Saussure e Peirce, a orientação geral segue mais na direção de um estudo da linguagem, tomada em sentido amplo, do que propriamente uma abordagem que destaque a



contribuição específica da Semiótica. A semiologia, afirma o autor, a partir de Pierre Guiraud, seria “o estudo dos sistemas de signos não linguísticos”, isto é, “lógicos, estéticos e sociais” (BELTRÃO, 1982, p.63). Trata-se, assim, de uma definição da Semiótica como uma parte da comunicação dedicada ao não-verbal e ao artístico que, de fato, dão o tom do capítulo.

Há uma breve menção à diferença entre “semiologia” e “semiótica” sugerida por Beltrão (1982, p.64): “Mas tanto um termo como o outro, o primeiro destacando a função social e o outro a função lógica do signo, se utilizam para identificar uma mesma disciplina”, e indica que “as divergências dizem respeito a conceitos e limites do estudo”. Talvez não por acaso, Charles S. Peirce seja identificado como “matemático” no livro, tendo formulado uma “doutrina geral dos signos” a partir da lógica, mais próximo da filosofia; enquanto Saussure e demais autoras e autores citados estariam voltados ao uso “prático” dos signos no âmbito social.

O tema retorna no trabalho seguinte de Beltrão, “Subsídios para uma Teoria da Comunicação de Massa”, escrito em parceria com Newton Quirino (BELTRÃO; QUIRINO, 1986). A “semiologia” do livro anterior desaparece do sumário, mas ganha um desenvolvimento maior dentro do capítulo 2, “Vida social e comunicação”. Trata-se, aqui também, de uma panorâmica de várias perspectivas semióticas, combinando desde Saussure e Peirce até Moles e Morin. Há um parágrafo contextualizando a semiótica peirceana (BELTRÃO; QUIRINO, 1986, p. 46) no âmbito da filosofia e da lógica, mas, ao contrário do livro precedente, desta vez são exploradas algumas categorias do signo em Peirce. A abordagem do texto se sustenta na perspectiva anterior: a semiologia ou semiótica – os dois termos são usados de maneira intercambiável – como ciência das linguagens não verbais.

O livro cita leituras semióticas das produções da mídia de massa, em particular “Apocalípticos e Integrados”, de Umberto Eco (1995) como exemplo das operacionalizações possíveis dentro dos estudos da linguagem em relação aos estudos da chamada “comunicação de massa”, tema do livro.



As noções de “signo” e “linguagens”, no plural, ganham destaque e como uma das matérias-primas para a compreensão do processo de Comunicação.

Apesar do conceito amplo de Semiologia utilizado, observa-se nesses dois estudos iniciais uma mudança importante no que diz respeito ao tema deste texto: a incorporação da Semiótica como Teoria da Comunicação na obra de um autor nacional.

4 A semiótica como “escola teórica” da Comunicação (1997-2018)

Há um hiato de nove anos até a próxima publicação de Teoria da Comunicação. Mas são anos férteis para a área de Comunicação, que vê não apenas a consolidação institucional de seu estatuto disciplinar já desde os anos 1980 como também uma maior preocupação com a pesquisa em pós-graduação. Há uma considerável produção sobre Comunicação nesse período, registrada em publicações e eventos. A questão do estatuto teórico da área, no entanto, continua em discussão, como indicam balanços críticos feitos no início da década seguinte, entre outros, por França (2001), Braga (2001) ou L. C. Martino (2001). Uma novidade deste segundo momento é a utilização das noções de “escolas” ou “modelos teóricos” para o estudo da Comunicação: o “cânone” ganha seus primeiros delineamentos retrospectivos, com uma maior delimitação após o momento inicial.

“Tópicos de Teoria da Comunicação”, de Pedro Gilberto Gomes (1997), é o primeiro a dedicar espaço ao tema da Semiótica. Distribuída em dois capítulos, há uma discussão inicial sobre os termos “semiologia” e “semiótica” a partir de críticos e comentaristas. A argumentação segue proposições de Saussure e Barthes, com referências à Peirce. Na segunda edição da obra, em 2004, a Semiótica se torna tópico do capítulo “Diferentes enfoques na teoria da comunicação de massa”, sem alterações no conteúdo, mas reafirmando a perspectiva da Semiótica como Teoria da Comunicação.



O livro apresenta um corte na taxonomia do cânone: é a primeira obra na qual as teorias da Comunicação são apresentadas em termos de “escolas” ou “modelos”, como denomina o autor, para o estudo da comunicação, classificação proposta inicialmente, ao que parece, por Lima (1983). Essa divisão, que se tornaria uma espécie de padrão nas publicações dos anos seguintes, permite observar com um pouco mais de nitidez as diferenças no cânone teórico apresentado em cada livro, embora os critérios de escolha nem sempre sejam explicitados nas publicações.

A presença nessas obras, no entanto, não parece ter sido suficiente para, de fato, consolidar algum tipo de relação entre esses dois discursos. É importante, nesse sentido, destacar as intermitências e ausências dessa articulação. Na literatura de Teoria da Comunicação produzida por autoras e autores brasileiros, a Semiótica não aparece em “Introdução à Teoria da Comunicação”, de Rüdiger (1998), “Teoria da Comunicação”, de Melo (1999), na primeira edição de “Teorias da Comunicação”, organizado por Hohfeldt, França e Martino (2001), Trinta e Politschuk (2003), Pena (2005) e França e Simões (2016).

Vale notar que a partir da terceira edição da obra organizada por Hohfeldt, França e Martino (2018 [2003]), há um capítulo de Irene Machado intitulado “O ponto de vista semiótico”, no qual a autora oferece um panorama abrangente das várias teorias semióticas, de Voloshinov e Bakhtin a Peirce, a partir de exemplos do cinema e da arquitetura.

No livro de Santos (2003), o assunto é abordado no item “Estudos da Linguagem”, no qual aspectos do pensamento de Saussure, Peirce e Jakobson são trabalhados na perspectiva das práticas de linguagem, tanto verbal quanto não-verbal. A semiótica/semiologia não aparece como “escola” ou “modelo” relativamente autônomo.

O primeiro tratamento da semiótica em maior escala desde Maser (1975) é feito por Pereira (2001), no livro “Curso básico de Teoria da Comunicação”. Um quarto do livro é dedicado à Teoria dos Signos, em uma explicação dos principais conceitos de Peirce e Saussure, destacando a



discussão a respeito das diferenças entre “semiótica” e “semiologia”. Neste aspecto, inclusive, Pereira (2001, p. 44) faz uma distinção disciplinar única, até esse momento, em termos disciplinares: “como disciplina científica, a Teoria dos Signos não se confunde com a Teoria da Comunicação, mas a fundamenta ou a transcende”. Essa divisão indica a Semiótica não como um “modelo” da Comunicação, mas como uma perspectiva teórica que pode se articular com os estudos da Área.

Essa questão permanece na breve menção que Martins (2005) faz à Semiótica em “Teorias da Comunicação no Século XX”, situando-a em termos de uma “teoria semiótico-informacional”, próxima da Teoria da Informação, e “teoria semiótico-textual”, apontando para algumas análises de Umberto Eco. Em Villalba (2006), a Semiótica é apresentada, com o nome de “Modelo semiológico”, como uma das abordagens para a Comunicação. É feita uma distinção entre as perspectivas de Saussure, Peirce e Barthes em relação ao conceito de signo, em uma perspectiva que coloca a Semiótica como parte de uma cronologia de escolas teóricas da Comunicação. Um tratamento próximo é dado por Martino (2009), em “Teoria da Comunicação”, que acrescenta a Saussure e Peirce um capítulo sobre Lótmán e Bakhtin. Cada autor é apresentado a partir de suas ideias principais, procurando articulações com a comunicação.

Com o trabalho de Temer e Nery (2009), a Semiótica é apresentada de maneira mais detalhada, dentro do que denominam “Paradigma Linguístico Semiótico”. O capítulo aborda, primeiramente, a perspectiva de Saussure para, em seguida, trabalhar a partir de Peirce. Tanto os autores como seus conceitos principais são contextualizados em termos de suas matrizes teórico-conceituais e em de suas condições históricas de formulação. A Semiótica é articulada com a área de Comunicação, mostrando tanto as proposições de Saussure quanto de Peirce como possibilidades para o estudo dos processos comunicacionais.

As duas produções mais recentes intituladas “Teoria da Comunicação” se destacam do cenário mostrado até agora.



Nunes (2011), aproxima-se ainda de Temer e Nery (2009) ao trabalhar interconexões próximas entre Semiótica e Teoria da Comunicação. Em “Teorias da Comunicação: panorama crítico e comparativo”, o autor dedica todo um capítulo à Peirce. É sintomático, em termos da articulação entre áreas, que o capítulo é intitulado “Teoria da Comunicação: uma abordagem peirceana”: trata-se da única menção direta relacionando os dois termos no sentido de colocar Peirce como uma possibilidade de intersecção com questões teóricas da Comunicação, e não especificamente como uma “escola” ou “modelo”. No livro, o tema é apresentado em detalhe, contextualizando a noção de signo – um dos principais temas do capítulo – e a própria Semiótica dentro do conjunto da obra de Peirce, incluindo várias citações do autor. Há uma aproximação densa entre os dois termos, com a Semiótica sendo pensada em termos de um dos fundamentos da Comunicação.

Em perspectiva oposta, Ciro Marcondes Filho (2016), em “Teorias da Comunicação, hoje”, dedica uma breve seção do livro à Semiótica peirceana, situando-a dentro de uma matriz de pensamento que remonta à filosofia medieval. A apresentação das ideias de Peirce é retomada dentro dessa genealogia, em termos críticos, no sentido de apontar seus limites – não em termos das questões da comunicação, mas a partir de um ponto de vista filosófico. Para Marcondes Filho (2016, p. 139), essa abordagem “perde terreno progressivamente para outras formas de estudos de comunicação”, sendo a Semiótica de Lótman, em suas palavras (MARCONDES FILHO, 2016, p. 140), “a única ainda reverenciada”. Vale situar, talvez, que essa abordagem apontada pelo autor, no livro, deriva de trabalhos anteriores de crítica ao pensamento peirceano, objeto de debates na Área – em Marcondes Filho (2004; 2013) e Winfried Nöth (2013).



Considerações finais

Na polifonia interdiscursiva da teoria da comunicação, como a Semiótica se constitui como uma voz? Essa pergunta, na origem deste trabalho, permite não uma resposta, mas alguns delineamentos. A inscrição da Semiótica na genealogia do cânone teórico da Comunicação parece permeada por algumas ambiguidades e descontinuidades. O quadro 01 apresenta as concepções de Semiótica presentes nos livros, destacando a definição apresentada, seu lugar no conjunto das ciências e vinculação com a Comunicação, assim como os principais autoras e autores mencionados.

Quadro 02: Concepções da Semiótica nos livros de Teoria da Comunicação

Obra	Definição de Semiótica	Posição disciplinar	Autores principais
Maser (1975)	Teoria dos Signos; "teoria que coloca, em termos genéricos, as questões clássicas associadas ao estudo das definições" (p.31)	Filosofia (Lógica)	Peirce; Morris; Schaff; Bense
Beltrão (1977); Beltrão e Quirino (1986)	Estudo da linguagem como sistema de signos	Ciência da Linguagem	Saussure; Peirce; Morris; Buysens; Barthes
Gomes (1997)	Estudo dos sistemas de signos	Ciência da Linguagem	Saussure; Peirce
Machado In: Martino, França e Hohfeldt (2018 [2003])	Comunicação pensada a partir dos signos, códigos, linguagens e discursos.	Teoria da Comunicação	Voloshinov; Bakhtin; Peirce
Pereira (2001)	Estudo do mundo dos signos; "Ela estuda os signos no abstrato: qual a sua natureza, qual a sua estrutura, como se manifestam, como se relacionam entre si" (p. 44)	Ciência da Linguagem	Saussure; Peirce; Eco; Morris
Martins (2005)	Estudo da mensagem	Teoria da Comunicação	Eco
Villalba (2006)	"Estudo dos signos (representações) no interior da vida social" (p. 81)	Modelo teórico da Comunicação	Peirce; Saussure; Sebeok; Baudrillard



Martino (2009)	"Ciência de todos os signos"	Modelo teórico da Comunicação	Saussure; Peirce; Lótman; Bakhtin
Temer e Nery (2009)	"Semiótica é a ciência dos signos, entendendo signo no sentido de linguagem. Portanto, a semiótica é a ciência de todas as linguagens, ciência que tem por objeto de estudo todas as linguagens possíveis" (p. 135).	Paradigma da Comunicação	Peirce
Nunes (2011)	"Semiótica é a teoria do signo, ou melhor, a semiótica é lógica [<i>no sentido de um organon</i>] da comunicação" (p.166).	Ciência autônoma	Peirce; Santaella
Marcondes Filho (2016)	"(...) forma de se lerem os signos da cultura desvinculados de qualquer outro valor que não seu uso imediato" (p.138).	Filosofia	Peirce

Fonte: Elaborada pelo autor.

Note-se que há uma coincidência de definições em relação à Semiótica como estudo dos sistemas de signos ou da "linguagem" em geral. No entanto, há variações em relação ao posicionamento epistemológico em relação à Comunicação. De um lado, a vitalidade do pensamento semiótico nos estudos de Comunicação pode ser observada em sua disseminação por pesquisas voltadas para os mais variados objetos – qualquer tentativa de compilação está além do foco deste texto. Há uma notável presença das perspectivas semióticas, sobretudo peirceana, nos estudos da Área. Por outro lado, historicamente, houve momentos de maior proximidade acompanhados, às vezes ao mesmo tempo, de ausências e distanciamentos.

Os limites da semiótica, nas relações com a Comunicação, parecem nunca ter sido definidos em termos disciplinares ou de abrangência. Associada ora à Linguística, ora à Teoria da Informação, apenas a partir de 1997 a Semiótica passa a ser apresentada como uma proposta teórico-metodológica relativamente autônoma, originária da Filosofia e/ou da Linguística, conforme o caso, como abordagem possível dentro dos estudos de Comunicação.

Vale apontar, finalmente, que parece não existir um consenso mínimo em relação à apresentação das diversas semióticas ou, de outra maneira,



ramificações de um pensamento semiótico. Na maior parte das publicações, autoras e autores mais ou menos associados ao tema são apresentados sem uma maior explicitação das diferenças internas de suas propostas. Nota-se, por fim, o predomínio da Semiótica de Peirce e da Semiologia de Saussure como fontes teóricas, não existindo menções à Semiótica Russa, com a exceção apontada, a Semiótica Greimasiana ou outras perspectivas. Nos livros de Teoria da Comunicação estudados, “semiótica” refere-se fundamentalmente a uma teoria dos signos ligada à Linguística ou à Filosofia, estudada a partir de Peirce ou de Saussure.

A formação do cânone das Teorias da Comunicação parece estar diretamente ligado a alguns dos problemas epistemológicos da Área que, no cotidiano de estudos, pode se refletir diretamente na definição de atividades de investigação. Conhecer a genealogia de uma área é, entre outras coisas, observar as dinâmicas de apropriações interdisciplinares, bem como as rupturas e distanciamentos que, inscritas na história de uma área, indicam algumas de suas condições de produção de conhecimento – um ponto a se pensar nas articulações práticas de pesquisa.

Referências

BARBOSA, M. Paradigmas de construção do campo comunicacional. *In*: HOHFELD, A. [et al.]. **Tensões e Objetos da Pesquisa em Comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

BARTHES, R. **Elementos de Semiologia**. São Paulo: Cultrix, 2014.

BELTRÃO, L. **Teoria geral da comunicação**. 3 ed. Brasília: Thesaurus, 1982.

BELTRÃO, L. **Fundamentos científicos da Comunicação**. Brasília: Coordenada, 1973.

BELTRÃO, L.; QUIRINO, N. **Subsídios para uma teoria da comunicação de massa**. São Paulo: Summus, 1986.

BRAGA, J. L. Dispositivos Interacionais. *In*: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 20., 2001, Porto



Alegre, RS. **Anais [...]**. Porto Alegre, RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

BRAGA, J. L. Dispositivos Interacionais. In: BRAGA, J. L. [et al.]. **Matrizes interacionais: a comunicação constrói a sociedade**. Campina Grande: EDUEPB, 2017. p. 17-41.

BRAGA, J. L. Constituição do campo da comunicação. In: FAUSTO NETO, A.; PRADO, J. L. A.; PORTO, S. (Org.). **Campo da Comunicação**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001.

D'AZEVEDO, M. C. **Atenção. Signos. Graus de Informação**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1970.

D'AZEVEDO, M. C. **Comunicação. Linguagem. Automação**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1971.

DeFLEUR, M. **Teoria da Comunicação de Massa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

DeFLEUR, M.; BALL-ROCKEACH, Sandra. **Teorias da Comunicação de Massa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ECO, U. **A estrutura ausente**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ECO, U. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

ECO, U. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

FERRARA, L. D'A. **A estratégia dos signos**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

FRANÇA, V. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê? In: MOTTA, L. G.; FRANÇA, V.; PAIVA, R.; WEBER, M. H. (Orgs.). **Estratégias e culturas da comunicação**. Brasília: UnB, 2001.

FRANÇA, V. R. V.; SIMÕES, P. G. **Curso básico de Teorias da Comunicação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

GOMES, P. G. **Tópicos de Teoria da Comunicação**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1997.

GREIMAS, A. J. **Semântica estrutural**. São Paulo: Cultrix, 2010.

HOHFELDT, A. Teoria da comunicação: a recepção brasileira das correntes



do pensamento hegemônico. *In*: MELO, J. M. **O campo da comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HOHFELDT, A.; MARTINO, L. C.; FRANÇA, V. R. V. (Org.). **Teorias da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

JAKOBSON, R. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2015.

LANDOWSKI, E. Entre a comunicação e a semiótica, a interação. **Parágrafo**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 207-217, jul./dez. 2016.

LIMA, V. Repensando as teorias da comunicação. *In*: MELO, J. M. **Teoria e pesquisa em comunicação**. São Paulo: Intercom: Cortez, 1983. p. 86-98.

LITTLEJOHN, S. **Fundamentos teóricos da Comunicação Humana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

LOPES, M. I. V. O campo da Comunicação: sua constituição, desafios e dilemas. **Famecos**, Porto Alegre, n. 30, p. 16-30, ago. 2006.

LOPES, M. I. V. Sobre o estatuto disciplinar do campo da Comunicação. *In*: LOPES, M. I. V. **Epistemologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

MACHADO, I.; ROMANINI, V. Semiótica da Comunicação: da semiose da natureza à cultura. **Famecos**, Porto Alegre, v. 2, n. 17, p. 89-97, mai./ago. 2010.

MARCONDES FILHO, C. **Teorias da Comunicação, hoje**. São Paulo: Paulus, 2016.

MARCONDES FILHO, C. Os equívocos de Peirce. **Famecos**, Porto Alegre, n. 25, p. 153-67, 2004.

MARCONDES FILHO, C. Esquecer Peirce? Dificuldades de uma teoria da comunicação que se apoia no modelo lógico e na religião (Parte 1). **Galaxia**, São Paulo, n. 24, p. 22-32, 2012.

MARTINO, L. M. S. A ilusão teórica no campo da comunicação. **Famecos**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 120-130, 2008.

MARTINO, L. M. S. O que foi teoria da comunicação? Um estudo da bibliografia entre 1967-1986. **Comunicação Midiática**, Bauru, v. 6, n. 1, p. 28-39, 2011.



MARTINO, L. M. S. O diálogo norte-sul em Teoria da Comunicação: hegemonias, apropriações e resistências nas pesquisas anglo-saxônicas e latino-americanas. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 36, n.1, p. 85-106, 2014.

MARTINO, L. M. S.; MARQUES, A. C. S. A teoria nas livrarias: o circuito de publicação e distribuição como problema epistemológico na Comunicação. **Paulus**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 103-115, 2019.

MARTINO, L. C. (Org.). Introdução. In: MARTINO, L. C. **Teorias da Comunicação: muitas ou poucas?** Cotia: Ateliê, 2007.

MARTINO, L. C. Apontamentos epistemológicos sobre a fundação e a fundamentação do campo comunicacional. In: CAPPARELLI, S. [et al.]. **A Comunicação Revisitada**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MARTINO, L. C. Ceticismo e inteligibilidade do campo comunicacional. **Galáxia**, São Paulo, v. 1, n. 5, p. 53-67, abr. 2003.

MARTINO, L. C. Elementos para uma epistemologia da Comunicação. In: FAUSTO NETO, A.; PRADO, J. L. A.; PORTO, S. (Org.). **Campo da Comunicação**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2001.

MARTINS, Luiz. **Teorias da Comunicação**. Brasília: Casa das Musas, 2005.

MASER, S. **Fundamentos de Teoria Geral da Comunicação**. São Paulo: E.P.U., 1975.

MELO, J. M. **Teorias da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

MOREIRA, R. **Teoria da comunicação: ideologia e utopia**. Petrópolis: Vozes, 1979.

MORRIS, C. W. **Fundamentos da Teoria dos Signos**. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1976.

MORTENSEN, C. D. (Org.). **Teoria da Comunicação: textos básicos**. São Paulo: Mosaico, 1980.

MOURA, C. P. **O curso de comunicação social no Brasil**. Porto Alegre: EdPUCRS, 2002.

NÖTH, W. A teoria da comunicação de Charles S. Peirce e os equívocos de Ciro Marcondes Filho. **Galaxia**, São Paulo, n. 25, p. 10-23, 2013.



- NUNES, A. **Teorias da Comunicação**. Maceió: Ed. Ufal, 2011.
- PEIRCE, C. S. **Semiótica e Filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1984.
- PENA, F. **Teoria da Comunicação – 1000 perguntas**. Rio de Janeiro: Thompson, 2005.
- PEREIRA, J. H. **Curso básico de Teoria da Comunicação**. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.
- PICADO, J. B. Por que a Semiótica interessa às Teorias da Comunicação? *In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO*, 10., 2001, Brasília, DF. **Anais [...]**. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2001.
- PIGNATARI, D. **Informação. Linguagem. Comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1964.
- POLISHUK, I.; TRINTA, A. R. **Teorias da Comunicação**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- RÜDIGER, F. **Introdução à Teoria da Comunicação**. São Paulo: Edicon, 1998.
- SÁ, A. (Org.) **Fundamentos científicos da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- SANTAELLA, L. **Produção de linguagem e ideologia**. São Paulo: Cortez, 1980.
- SANTAELLA, L.; NOTH, W. **Semiótica**. São Paulo: Experimento, 1999.
- SANTOS, R. E. **As Teorias da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2003.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2013.
- SCHNEIDERMAN, B. **Semiótica Russa**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- SIMÕES, M. M. R.; OLIVEIRA Jr., F. G. O que tem de semiótica? Apropriações das pesquisas da Compós e do PPGCom da PUC-MG acerca da Semiótica Peirceana. **Razón y Palabra**, v. 1, n. 88, dez. 2014.
- TEMER, A. C. R. P.; NERY, V. C. A. **Para entender as Teorias da Comunicação**. Uberlândia: Ed. UFU, 2009.
- VARÃO, R. O passado não é o que costuma(va) ser: por uma outra história



das teorias da Comunicação. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos, SP. **Anais [...]**. Santos, SP: Universidade Católica de Santos, 2007.

VELLOZO, S. L. **Teoria geral da Comunicação Coletiva**. Rio de Janeiro: Ed. O Cruzeiro, 1969.

VILLALBA, R. **Teoria da Comunicação**. São Paulo: Ática, 2006.